

TOLEDO, Conceição Arruda. Última pá de cal. Diário do Povo,  
Campinas, 03 maio 1975.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029924

# Última pá de cal

*Diário do Povo*  
*3/5/75*

CONCEIÇÃO ARRUDA TOLEDO

Antes de colocar a última pá de cal sobre a extinta Orquestra Sinfônica, quebrando o constrangedor silêncio que sobre ela paira, quero deixar consignada a verdade dos fatos como subsídio a quem pense em escrever um dia sobre este triste episódio da história de Campinas.

Não se destroem impunemente ideais, nem tão pouco se marginalizam homens que deram tudo de si para que seus sonhos se tornassem magnífica evidência, tal como foi feito por obra e graça de um mal preparado homem público, mantido em relevante posto pelo atual Prefeito de Campinas, forçado por injunções políticas, a despeito das inúmeras advertências da imprensa à época de sua posse, inclusive do meu "Oxalá", publicado no "C. P." de 19-01-73: — "Oxalá o novo Prefeito venha cercar-se de excelentes secretariado e eficientes assessores..." "Oxalá salba ele, acima de tudo, escolher um bom Secretário de Educação..."

Infelizmente, o tempo encarregou-se de mostrar que as frustradas aspirações de todos nós teriam fatalmente que acarretar dissabores ainda no meio do atual mandato, com profundo desgaste político de S. Exa., ainda que pessoalmente, venha ele realizando grandes coisas no setor artístico-cultural da cidade.

O titular da Secretaria de Educação vem arduamente mantendo a opinião pública mal informada, — e até deformada —, com prejuízo para todos e para o erário municipal, que irá despender alta soma saída do minguado bolso do contribuinte, para custear não sabemos até quando, grande elenco de músicos muito bem pagos, muitos deles de méritos comprovadamente inferiores aos dos dispensados. As notícias distribuídas à imprensa pelos órgãos oficiais são as convenientes aos diretamente interessados.

"O rio da verdade rola sobre um leito de mentiras", apregoava com razão Rabindranah Tagore, o poeta-pensador hindu. Senão, vejamos: A princípio, a ópera escolhida para a reinauguração do "Castro Mendes" era a "Salvador Rosa". O maestro Belardi incumbir-se-ia da parte lírica, trazendo os cantores de S. Paulo; e o maestro Di Túllio, da parte sinfônica, estribado em seus profícuos oito anos à frente da Orquestra Municipal. Após confabulações nas antecâmaras, decidiram, à revelia, pela montagem do poema sinfônico "Colombo", com a participação do coral da UNICAMP, sempre magistralmente regido por Benito Juarez — fato que não o credencia, em absoluto, a assenhorear-se também da regência da Orquestra Sinfônica.

Pois bem; após a noite de estréia a crítica apon-

tou inúmeros senões, despercebidos pelos que, como eu, não têm a música como seu "forte".

Mas até aí nada há que desabone as autoridades e o grupo dos "apropriadores indébitos". A coisa começou depois. Historiemos: Com a morte em 5-06-74 do administrador da O. S. Reynaldo Prestes, o maestro Di Túllio nomeou para o cargo seu ex-aluno de violino Perseu Gomiero, a quem graciosamente ministrou aulas e até emprestou o instrumento com que tocava. Esse senhor, juntamente com Benito Juarez, passaram a visitar insistentemente o gabinete do Secretário de Educação, tramando aí a malfadada reestruturação que tanto descontentamento ocasionou.

Os músicos que deveriam em quinze dias reiniciar os ensaios, não receberam instruções para tal, surgindo o zum-zum negativista, enquanto o Secretário, defensivamente, mantinha-se fechado em sua torre de marfim. Quando resolveu quebrar o mutismo, tudo já estava definitivamente resolvido, tal como ocorrera com a demolição do Teatro Municipal, ao tempo de Rui Novaes.

Os 23 músicos de Campinas e 16 pertencentes à O. S. Municipal de S. Paulo, — entre os quais o "spalla" Clemente Capella e Doriza Soares, — os maiores violinistas do Brasil, — foram dispensados sem aviso prévio e sem a mínima consideração, colocando-se outros em seus lugares, vindos da Bahia e nem sei de onde mais. Inclusive, para o lugar de Clemente Capella foi nomeado um irmão de Benito Juarez.

Que acham disso o sr. Prefeito e os campineiros que tanto se esforçam para tornar Campinas a "Capital da Cultura"?

Ao maestro Di Túllio foi oferecido um ordenado mensal de sete mil cruzeiros para o cargo de maestro honorário. — quer dizer, para não fazer nada e calar o bico!

Naturalmente que um homem da envergadura do Mo. Di Túllio teria que recusar tal oferta que nada mais era que a compra de sua cumplicidade.

Uma O. S. que antes recebia salários miseráveis, agora se dá ao luxo de contar com 4 ou 5 maestros auxiliares e músicos regimento pagos, comparativamente à tabela publicada no Diário Oficial do Município de 1.0-11-74, pelo decreto 4.562, assinado pelo Prefeito: Maestro: 6 salários mínimos; maestro substituto: 2 salários mínimos; administrador: 4; redator-arquivista: 4; violinista "spalla": 5; instrumentista de 1.ª categoria: 4; instrumentista de 2.ª categoria: 3.

Os 19 novos músicos da atual O. S. vão ganhar na base dos 6 mil cruzeiros. E o regente? E seus colaboradores?

Certa vez o grande Toscanini regeu uma orquestra de jovens. Interpelado, respondeu: — Estes jovens daqui a 30 anos estarão bons para apresentar-se novamente a mim...

No entanto, aqui, o pretexto para a dispensa em massa foi a idade dos músicos!

Uma nova O. S. está surgindo num ambiente de euforia conivente, da qual não participo. Quero assegurar aos historiadores futuros que sempre estive solidária com o Mo. Di Túllio e seus músicos.